

# PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS NA ESCOLA - MODELOS DE INTERVENÇÃO

## DRUGS USE PREVENTION AT SCHOOL - INTERVENTION MODELS

Neide A. Zanelatto

UNIAD – Unidade de Pesquisa de Álcool e Drogas - UNIFESP

Raquel Zanelatto

USP – Universidade de São Paulo

### Resumo

A partir de uma revisão da literatura, apresentamos como proposta central deste artigo a descrição dos principais modelos de prevenção ao uso de drogas utilizados em ambiente escolar. A avaliação da efetividade dos programas é bastante difícil pois os resultados só podem ser observados em longo prazo. Programas de prevenção primária, isto é, que visem a formação de adolescentes críticos, conscientes e capazes de resistir ao uso de substâncias causadoras de dependência, numa abordagem que atinja o indivíduo integrado a família e a sociedade, têm se mostrado necessários, visto que é evidente o uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio. A família e a escola são ressaltadas como os dois estruturadores básicos da identidade do jovem, sendo locais ideais para iniciar ações preventivas. Programas baseados no amedrontamento não se mostram efetivos, já os que combinam alguns modelos de prevenção como a educação afetiva (baseado na estimulação da inteligência emocional), o conhecimento científico, a capacitação de professores frente ao tema, a educação para a saúde e o oferecimento de alternativas têm tido sucesso. Discute-se a falta de continuidade dos projetos preventivos das escolas brasileiras, o que impede que os próprios estudantes assumam o papel de orientadores após passarem pelos programas.

**Descritores:** prevenção, drogas, escola, adolescentes.

### Abstract

As from a literary review, we present the description of the principal drug use prevention models used in school environment as a central proposition of this article. The evaluation of the programs effectiveness is quite difficult since their results can only be observed at long term. Primary prevention programs – that is, those aiming at forming critical adolescents, who are aware and capable of resisting to use substances that provoke addiction, through an approach that reaches the individual integrated to family and society – are in demand as the use of psychoactive substances among students of Medium and Fundamental School is apparent. Family and school are emphasised as the two basic structure providers for the youth identity, being ideal sites to start preventive actions. Programs based on frightening do not prove effective; however those combining certain prevention models like an affective education (based on stimulating emotional intelligence), scientific knowledge, teachers' qualifying to cope with the issue, education for health, and alternatives offer, have succeeded. The lack of continuance in preventive projects in Brazilian schools needs be discussed, as it prevents the students themselves to assume the role of guiders after undergoing the program.

**Key words** – prevention, drugs, school, adolescents.

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como objetivo principal realizar uma revisão na literatura atual, abordando quais tem sido os modelos de intervenção realizados em ambiente escolar, voltados para a prevenção do uso e do abuso de drogas entre estudantes.

A prevenção do uso de drogas na escola é considerada uma intervenção importante, e alguns modelos e estudos tem sido propostos, com o objetivo de mostrar que programas de prevenção têm um real potencial na redução do uso de drogas em adolescentes. No entanto, a maioria dos programas não têm se mostrado efetivos como um todo, e critérios para se identificar quais programas são mais efetivos que outros são difíceis de ser elencados.<sup>1</sup>

Nesta revisão procuraremos abordar alguns dos modelos de prevenção do uso de substâncias na escola desenvolvidos em nosso país e quais os resultados obtidos.

## ***PREVALÊNCIA DO USO DE SUBSTÂNCIAS EM ADOLESCENTES***

A prevalência do uso de substâncias entre adolescentes tem sido apontada em vários estudos. Estudos realizados nas cidades de Pelotas, Florianópolis, Alfenas e Maringá, evidenciam o uso de álcool como substância mais utilizada entre os jovens, seguido, respectivamente, do tabaco, maconha, solventes, ansiolíticos, anfetaminas e cocaína<sup>2,3,4,5,6</sup>. Estes dados são confirmados por um levantamento domiciliar, realizado no Brasil<sup>7</sup>, destacando a seguinte prevalência de uso: álcool, tabaco, maconha, solventes, orexígenos, benzodiazepínicos, cocaína, xaropes e estimulantes. Este estudo enfatiza que, se desconsiderados os dados relativos ao consumo de álcool e tabaco, nosso país se aproxima da condição apresentada pelos países em desenvolvimento, afastando-se dos países europeus e norte-americanos. Entre as drogas ilícitas, a maconha é a mais consumida.

Outro aspecto importante diz respeito à faixa etária em que estes indivíduos fizeram suas primeiras experimentações. Num estudo<sup>8</sup> realizado em dez

---

capitais brasileiras, jovens entre 10 e 12 anos pertencentes à amostra, já haviam experimentado álcool (51,2%), tabaco (11,0%) e outras drogas (11,7%). Os estudos acima citados, ainda evidenciam a prevalência do uso de drogas ilícitas, mais usualmente feito por indivíduos do sexo masculino, enquanto que adolescentes do sexo feminino optam pelo uso de drogas semi-ilícitas.

### **PREVENÇÃO PRIMÁRIA**

Com base nestes dados, todos os estudos pesquisados enfatizam a importância de se realizarem intervenções preventivas ainda no momento em que estes adolescentes estejam no ensino fundamental (7 a 14 anos).

A prevenção primária em seu sentido mais amplo deve atingir o indivíduo integrado à família e à sociedade. Deve-se portanto trabalhar no âmbito individual e coletivo, considerando essas duas dimensões em completa integração.

Luz e Peres (1997)<sup>9</sup> observam que é na prevenção primária, mais do que em qualquer outro nível, que se trabalha com a noção de promoção de saúde. No entanto, há necessidade de se criar uma concepção de prevenção em nosso meio, e nesse sentido a Psicologia tem muito a colaborar em sua metodologia e concepção teórica.

Afirmam ainda estes autores que uma cultura de prevenção não se estabelece se não houver muito desejo, vontade, motivação e participação da comunidade e da equipe técnica envolvida.

Cabe portanto à escola auxiliar na possibilidade do despertar do potencial psico-afetivo e criativo do jovem, com vistas a levá-lo a efetuar opções conscientes e responsáveis pela sua saúde.<sup>10</sup>

A prevenção primária do uso de drogas na escola traduz-se em um conjunto de ações educacionais a serem postas em prática, de maneira consistente desde a pré-escola, passando pelo Ensino Fundamental, até o Ensino Médio, utilizando-se da abordagem conhecida como transversalidade em todos os anos curriculares do programa escolar, e que visa, em última instância, desenvolver no jovem a capacidade de formar consciência crítica, de modo a ter condições de avaliar todas as situações que enfrentará em sua vida,

desenvolvendo, neste caso específico, a capacidade de resistir ao uso de drogas psicoativas, causadoras de dependência.

### ***MODELOS DE PREVENÇÃO AO ABUSO DE DROGAS NA ESCOLA***

Intervenções que usam como modelo básico a repressão e o aumento do controle social, apesar de terem sido aqueles que receberam mais destaque ao longo dos últimos anos, não mostram efetividade na diminuição do uso de substâncias psicotrópicas. Limitações e dificuldades relacionadas à restrição a venda de medicamentos, à repressão ao tráfico de drogas e ao controle policial têm sido evidenciadas em vários estudos<sup>11</sup>.

Dentre os modelos de prevenção ao abuso de drogas na escola: aumento do controle social, oferecimento de alternativas e modelo de educação, citados em uma revisão literária por Carlini-Cotrim e Pinsky<sup>12</sup>, o modelo de educação parece ter sido aquele mais utilizado em programas de prevenção aplicados em escolas brasileiras. O desenvolvimento de habilidades de resistência juntamente com o treinamento de habilidades pessoais e sociais têm sido ferramentas utilizadas para aumentar a efetividade dos programas citados<sup>13</sup>. Existem evidências de que a combinação de estratégias e de modelos, segundo as necessidades de cada comunidade escolar, gera programas mais bem sucedidos em nível de prevenção. Sabemos no entanto, que em nosso país ainda não temos projetos em nível nacional que levem em conta as características da população onde será aplicado o projeto de modo a torná-lo mais adequado a esta população específica. Projetos de prevenção primária têm sido planejados sem estudo prévio<sup>11</sup>.

### ***O MODELO DE EDUCAÇÃO AFETIVA***

No modelo da educação afetiva objetiva-se a modificação de fatores pessoais que são tidos como vetores ao uso de drogas. Prevê-se melhorar ou desenvolver a auto-estima, a capacidade de lidar com a ansiedade, a habilidade de decidir e interagir em grupo, a comunicação verbal e a

capacidade de resistir às pressões do grupo. A droga nunca é tratada como a questão central, mas frequentemente é um dos tópicos do programa.

Espaços de reflexão com conhecimento compartilhado têm sido vistos pelos adolescentes como um lugar para falarem de assuntos que dificilmente são falados em outros ambientes, e que permitem, conforme relato em estudo realizado por Jeolás e Ferrari<sup>14</sup>, que eles comecem a refletir sobre as questões sociais nas quais estão inseridos, e construam comportamentos menos disfuncionais em relação a drogas e sexualidade.

Armelin<sup>15</sup> apresenta um projeto de prevenção no qual o preparo dos jovens no que diz respeito à formação das atitudes, pensamentos, e comportamentos em relação ao uso de drogas, tem como principal objetivo possibilitar uma confrontação pessoal e responsável com o uso de substâncias, além de permitir a reflexão a respeito do que leva os jovens ao consumo de drogas e a conscientização de que necessidades psíquicas são tão importantes quanto necessidades físicas. Neste projeto, prevê-se a criação de um ambiente de confiança que propicie um diálogo aberto entre educadores e alunos, de modo que o aluno possa entender que o consumo de drogas visa satisfazer necessidades legítimas por meios artificiais impróprios e de que deste consumo poderá resultar a dependência. A autora enfatiza a necessidade do trabalho de estimulação da inteligência emocional dos adolescentes como meio para facilitar a prevenção do uso de substâncias pelos alunos.

Ainda utilizando a educação afetiva como modelo básico desenvolveu-se em São Paulo um estudo<sup>16</sup>, em que nas aulas de Ensino Religioso discutia-se a visão de destino nas diferentes culturas religiosas, além da interferência do consumo de substâncias psicoativas no projeto de vida. Quanto à informação sobre o assunto concluiu-se que os alunos tinham conhecimento superficial, baseado em visões míticas de manchetes da mídia, contudo, ao final do estudo verificou-se que os estudantes puderam ampliar sua visão a respeito do tema, relacionando-a ao contexto em que estão inseridos e às conseqüências de suas escolhas pessoais. Atividades curriculares de prevenção, desenvolvidas em sala de aula, minimizam ou evitam o uso de substâncias durante o Ensino Médio, sendo que, na medida que se aborda efetivamente o uso de drogas

lícitas (álcool e tabaco) chamadas de “porta de entrada”, também se aumenta a possibilidade de evitar o uso de drogas ilícitas em idade adulta.<sup>17</sup> Um projeto realizado em escolas de Ensino Fundamental Públicas e Privadas da cidade de Porto Alegre <sup>18</sup> mostra a importância de desenvolver bons vínculos entre pais e filhos como elemento importante para a prevenção do abuso de drogas. Através de cartas, os pais recebiam informações importantes sobre a necessidade de bons vínculos, e desta forma, até os pais que não compareceriam às reuniões marcadas pela escola eram acessados. Estudos revelam que a postura dos pais é importante tanto para a prevenção quanto para a adesão ao tratamento<sup>19</sup>

Num estudo <sup>20</sup>em que a partir da resposta de questionários observou-se que as diferenças encontradas entre a imagem da droga para usuários e não usuários de maconha representam um contínuo entre extremos de opiniões e idéias suscitadas pelo tema drogas, a simples aplicação do questionário funcionou como instrumento de prevenção.

### *O MODELO DO CONHECIMENTO CIENTIFICO*

A prevenção do abuso de substâncias, inserida em um contexto mais amplo de valorização da vida, e da pessoa humana, pode ser vista de muitas maneiras.

A informação científica faz parte de qualquer outro modelo utilizado, pois como já afirmamos a combinação de modelos tem somente a acrescentar resultados positivos a qualquer intervenção na área da prevenção<sup>21</sup>

Um estudo relatando a experiência e o conhecimento de jovens em relação ao uso de drogas ilícitas, realizado nos EUA, entre os anos 1969 e 1999, com a aplicação de um questionário em jovens de 14 e 15 anos, a cada cinco anos, revelou que o conhecimento sobre os efeitos e riscos a que se expõem seus usuários ainda permanece limitado e as pressões social e de grupo parecem ser de grande importância para a determinação do comportamento de usar drogas.<sup>22</sup> Daí a importância de se informar aos adolescentes e jovens estudantes sobre os efeitos e riscos do uso agudo e crônico de substâncias psicoativas.

Estudos voltados para a prática da informação como forma de prevenção dirigem-se tanto a alunos quanto às suas famílias. Segundo Anderson,<sup>23</sup> a informação deve ser compartilhada no contexto familiar antes da escola, sendo necessário que a família incorpore em sua cultura a questão da prevenção em dependência química.

O trabalho realizado com as famílias tem especial importância, já que a família tanto pode atuar como elemento preventivo quanto facilitador do abuso de substâncias, como revela a pesquisa realizada com adolescentes<sup>24</sup>, cujos resultados evidenciam que o primeiro contato que os adolescentes brasileiros têm com o álcool acontece dentro de casa, sob os olhos de seus familiares. A aceitação e a tolerância do consumo de drogas lícitas entre adolescentes, são outros aspectos levantados pela pesquisa. Estes dados são confirmados pelo levantamento de Giusti e Scivoletto<sup>25</sup>, que evidencia o consumo de drogas feito por meninas, mais em companhia de familiares e namorados ou sozinhas. Moreira<sup>26</sup>, em um estudo que investiga o papel da família e da escola, visando a sugestão de procedimentos psicopedagógicos que proporcionem a prevenção ao abuso de drogas no ensino fundamental, ressalta a importância destes dois contextos como provedores básicos na estruturação da identidade psicológica dos alunos.

Desta forma, muito se tem feito investido na informação voltada para pais e familiares. O fornecimento de informações para familiares de forma estruturada<sup>27</sup> aparece com uma avaliação positiva em estudos realizados. A literatura tem se voltado para os pais, oferecendo textos de consulta permanente, com o objetivo de tirar dúvidas, desmistificar, informar e orientar pais e familiares, a respeito do que os danos da dependência de drogas podem trazer ao jovem e a estabilidade da família.<sup>28</sup>

### *O MODELO DE MUDANÇAS NAS CONDIÇÕES DE ENSINO*

Este modelo baseia-se na inserção do tema discutido, no conteúdo estudado nas disciplinas inclusas na grade curricular. E para tanto, um programa de capacitação de professores parece importante e indispensável. Estudos<sup>29</sup> têm revelado que existe uma forte associação entre um menor envolvimento em

comportamentos de alto risco e o apoio de adultos mentores entre adolescentes.

Uma pesquisa<sup>30</sup> realizada em 140 escolas do Estado de São Paulo, mostrou que do total das professoras que se depararam com um caso de intoxicação por uso de álcool, apenas 44 delas tomaram alguma providência. A autora chegou a conclusão de que a maioria das professoras considera que a culpa do uso indiscriminado de bebida alcoólica é do aluno, e portanto nada se pode fazer. Estas professoras atribuem as causas do beber prioritariamente às características emocionais do aluno (baixa auto-estima, necessidade de auto-afirmação, dificuldade do adolescente para lidar com o novo, para encontrar seu papel na sociedade, à falta de sentido para a vida), esquecendo-se de que este aluno vive dentro de um determinado contexto que também interfere no seu modo de ser. Mesmo as professoras que trabalharam no sentido de encontrar algum caminho para prevenção, encontraram dificuldades relacionadas ao desinteresse da direção da escola e da família e à falta de espaço para tratar sobre o assunto no currículo e na grade horária.

Alguns professores mostram-se incomodados com esta questão, adotando formas estereotipadas de manejo destas situações. Teremos resultados melhores quanto mais atentos estivermos em relação a atitudes preconceituosas.<sup>31</sup>

De outra parte, estudos sobre representações sociais evidenciam que muitos educadores não mostram visões preconceituosas, entendendo o adolescente como um indivíduo em crise, que cede a pressão dos pares e a curiosidade para iniciar o uso de substâncias. Tais professores parecem sensibilizados para receberem a capacitação para o trabalho de prevenção.<sup>32</sup> Nesta linha de atuação vemos o trabalho desenvolvido pelo Projeto Independência<sup>33</sup> cujo objetivo é sensibilizar educadores num primeiro momento, para a prevenção do consumo de álcool, drogas e tabaco. Em seguida instrumentalizando tais professores para que possam atuar objetivamente na política de prevenção adotada na escola, coordenando um programa de oficinas pedagógicas das quais participam os alunos da escola. Liberdade de expressão, qualidade de vida, saúde e comunicação são alguns dos temas centrais abordados nestas

oficinas, que como vemos além da informação, usam a educação afetiva como referencial. Atrelado a este programa, está o Projeto de Formação de Líderes de Atitudes (FOLIA), que fundamenta-se no modelo de pressão positiva de grupo, incentivando a liderança positiva e natural do adolescente. Os resultados observados com a implementação deste tipo de modelo de prevenção dizem respeito a maior participação dos alunos nas decisões da escola, bem como conselho escolar, grêmio estudantil e projetos sociais.<sup>34</sup>

### *O MODELO DE EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE*

Usando este modelo como pressuposto básico, podemos citar o Projeto “Prevenção também se ensina”,<sup>35</sup> implantado em 1996, objetivando subsidiar as escolas estaduais no desenvolvimento de um programa inserido na proposta pedagógica de promoção de vida saudável. Foram discutidos temas como sexualidade, prevenção às DTS/AIDS, gravidez indesejada e uso de drogas. Professores foram capacitados e publicações e vídeos foram também utilizados para enriquecer o trabalho em sala de aula. Mais uma combinação de modelos de informação, mudança na grade curricular, e educação para a saúde.

### *O MODELO DE OFERECIMENTO DE ALTERNATIVAS*

A “falta do que fazer” parece estar de algum modo associada ao uso e abuso de drogas pelos adolescentes. Partindo deste pressuposto acredita-se que a prática de atividades físicas, a participação em atividades extra-curriculares de cunho artístico, comunitário e religioso são ferramentas importantes para manter afastados os jovens do uso de substâncias psicoativas. Um estudo realizado em escolas de primeiro e segundo grau de 15 cidades brasileiras<sup>36</sup>, evidencia que apesar de não se encontrar uma relação direta entre o preenchimento do tempo livre com a prática de esportes, de atividades comunitárias e artísticas e o uso de álcool ou drogas, a prática de atividades religiosas parece proteger o jovem do uso de álcool e drogas<sup>24,36</sup>. Apesar destes achados as autoras deixam claro que a criação de espaços de lazer e convivência, a ocupação de tempo livre de modo que o jovem se veja

realizado em suas potencialidades, são fundamentais para a busca de vida com qualidade.

## **CONCLUSÕES**

Na revisão realizada são apresentados vários modelos de intervenção, sem no entanto apresentarmos resultados objetivos das avaliações realizadas a partir dos projetos implantados. Alguns autores<sup>14</sup> destacam a falta de continuidade das ações de prevenção desenvolvidas por serviços de saúde, a partir de um determinado projeto de prevenção. A continuidade da formação de agentes multiplicadores (a princípio, professores) permitiria que este papel fosse assumido mais à frente pelos próprios estudantes junto aos seus pares.

Sabemos que resultados efetivos de qualquer política de prevenção ao uso e abuso de substâncias são observados somente a médio e longo prazos, mas a implementação de projetos de prevenção em algumas escolas, permitiu que a direção e a coordenação ficassem mais atentas a esta questão, do que anteriormente haviam estado. Este já parece ser um ponto positivo, um ganho com programas de prevenção.

## **REFERÊNCIAS**

1. Cuijpers P. Effective ingredients of school-based drug prevention programs– A systematic review. *Addictive Behaviors* 2002;27(6):1009-23.
2. Baús J, Kupek E, Pires M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. *Revista de Saúde Pública* 2002;36(1):40-6.
3. Tavares BF, Béria JH, Lima MS. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Revista de Saúde Pública* 2001;35(2):150-8.
4. Vier BP, Rego F<sup>o</sup> EA, Campos E, Olivi M. Uso de álcool e tabaco em adolescentes. *Anais do XV Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas*; 2003 Set 3-7; São Paulo, Brasil. p. 39.
5. Moreira DS. O consumo de drogas entre os estudantes adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem* 1996; 49(4): 581-94.

6. De Saibro P, Ramos SP, et al. Consumo de substâncias psicoativas em estudantes do ensino médio e fundamental de escolas públicas e privadas de Porto Alegre. Anais do XV Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas; 2003 Set 3-7; São Paulo, Brasil. p. 32.
7. Carlini EA, Galduroz JCF, Noto AR, Nappo AS. I Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil (2001). São Paulo: [CEBRID] Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Departamento de Psicobiologia, Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo; 2002.
8. Carlini EA, Galduroz JCF, Noto AR. IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º grau em dez capitais brasileiras (1997). São Paulo: [CEBRID] Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Departamento de Psicobiologia, Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo; 1997.
9. Luz AA, Perez EL. Reflexões sobre a extensão universitária e a participação da psicologia num programa de prevenção ao abuso de álcool e outras drogas. Interação, Curitiba, 1997; 1:179-192.
10. Bucher R. A ética da prevenção. Psicologia: teoria e pesquisa 1992;8:385-98.
11. Noto AR, Galduroz JCF. O uso de drogas psicotrópicas e a prevenção no Brasil. Ciência e Saúde Coletiva 1999; 4(1): 145-51.
12. Carlini-Cotrim B, Pinsky I. Prevenção ao abuso de drogas na escola: uma revisão da literatura internacional recente. Cadernos de Pesquisa 1989; 69:48-52.
13. Nicastri S, Ramos SP. Prevenção do uso de drogas. Jornal Brasileiro de Dependência Química 2001; 2(1): 25-9.
14. Jeolás LS, Ferrari RAP. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. Ciência e Saúde Coletiva 2003; 8(2):611-20.
15. Armelin MG. Prevenção às drogas na escola. O Mundo da Saúde 1999;23(1):48-52.
16. Rosseto MEA, Cisoto L, Ghabar N, Paulino EC, Godoy N, Almeida FC. Proposta pedagógica com alunos do ensino médio de rede particular da cidade de São Paulo. "A interferência do consumo de substâncias psicoativas no projeto de vida." . Anais do XV Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas; 2003 Set 3-7; São Paulo, Brasil. p. 04.
17. Botvin GJ, Griffin KW, Diaz T, Scheir LM, Williams C, Epstein JA. Preventing illicit drug use in adolescents: long-term follow-up data from a randomised control trial of a school population. Addictive Behaviors 2000; 25(5):769-74.

18. Nodari KR, Becker E, Schuch L, Bisognin T, Silva ICT, Sffair C, et al. Proteção contra o uso de drogas: enviar cartas para pais é eficaz para diminuir a experimentação de drogas?. Anais do XV Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas; 2003 Set 3-7; São Paulo, Brasil. p. 05.
19. Dakof GA, Tejeda M, Liddle HA. Predictors of engagement in adolescent drug abuse treatment. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* 2001; 40(3): 274-81
20. Barros RS, Almeida SP, Magalhães MP, Silva MTA. Idéias e imagens suscitadas em estudantes universitários numa pesquisa sobre drogas: uma contribuição ao trabalho preventivo. *Boletim de Psicologia* 1992;42(96/97):15-26.
21. Bucher R. Por uma política de drogas no Brasil. In: Bucher R. *Drogas e drogadição no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.p.313-23.
22. Wright JD, Pearl L. Experience and knowledge of Young people regarding illicit drug use 1969/1999. *Addiction* 2000; 95(8): 1225-35.
23. Anderson MC. Prevenção da recaída: uma visão social da dependência química. *O Mundo da Saúde* 1999;23(1):28-31.
24. De Michelli D. *Uso de drogas por adolescentes: adaptação e validação de um instrumento de triagem (DUSI) e estudo das razões do uso inicial [tese de doutorado]*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina; 2000.
25. Giusti JS, Scivolletto S. Particularidades do uso de drogas entre adolescentes do sexo masculino e feminino. Trabalho apresentado na Sessão Pôster do XVIII Congresso Brasileiro de Psiquiatria e Regional Meeting World Psychiatric Association; 2000 Out 25-28; Rio de Janeiro, Brasil.
26. Moreira AK. Contribuições da escola na prevenção ao abuso de drogas. Anais do XV Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas; 2003 Set 3-7; São Paulo, Brasil. p. 47.
27. Cordoni EBRS, Balian C, Monti M. Adolescência e saúde: um trabalho de prevenção na escola. Anais do XV Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas; 2003 Set 3-7; São Paulo, Brasil. p. 07.
28. Grynberg H, Kalina E. *Aos pais de adolescentes: viver sem drogas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1999.
29. Beier SR, Rosenfeld WD, Spiltany KC, et al. A potencial influência de mentores adultos em comportamentos de alto risco entre adolescentes. *Archives of pediatrics and adolescent medicine* 2000;154: 327-31.

30. Bardelli C. Pesquisa mostra que a prevenção ao álcool está nas mãos de professores. Acesso em 24/04/2002. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/entrevistas>.
31. Lescher AD. Drogas, etc. In: Aquino JG. (Org.). Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Ed. Summus; 1998. p.59-66.
32. Figueredo TAM. O adolescente, as drogas e a escola: representações do educador [tese de doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997.
33. Figlie NB, Campos GM, Fernandes CC, Monje J. Programa independência: capacitação de profissionais de ensino na atuação em atividades de prevenção nas escolas. Anais do XV Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas; 2003 Set 3-7; São Paulo, Brasil. p. 45.
34. Melo DG, Figlie NB, Pereira CA. Programa FOLIA (a prevenção através do desenvolvimento de lideranças jovens). Anais do XV Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas; 2003 Set 3-7; São Paulo, Brasil. p. 46.
35. Secretaria Estadual da Educação. A prevenção na escola: relatos de experiências. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação; 1999.
36. Carvalho VA, Carlini-Cotrin B. Atividades extra-curriculares e prevenção ao abuso de drogas: uma questão polêmica. Revista de Saúde Pública 1992; 26(3):145-49.
-

